



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS- FAECS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LARISSA DE ABREU MARTINS

**AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA DE JUVENAL TAVARES NA
EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA REPÚBLICA PARAENSE**

ABAETETUTA/PA
2025

LARISSA DE ABREU MARTINS

**AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA DE JUVENAL TAVARES NA
EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA REPÚBLICA PARAENSE**

Trabalho de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, do Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria do Socorro Alexandre Pereira.

ABAETETUTA/PA
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

D278c De Abreu Martins, Larissa.
As contribuições da literatura de Juvenal Tavares na educação
da Primeira República Paraense / Larissa De Abreu Martins. —
2025.
33 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Maria do Socorro Alexandre Pereira
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia,
Abaetetuba, 2025.

1. Juvenal Tavares. 2. Obras Literárias . 3. Educação . 4.
Primeira República . I. Título.

CDD 370

LARISSA DE ABREU MARTINS

**AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA DE JUVENAL TAVARES NA
EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA REPÚBLICA PARAENSE**

Trabalho de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais, do Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria do Socorro Alexandre Pereira.

Data de aprovação: ___/___/_____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria do Socorro Alexandre Pereira – Orientadora UFPA/FAECS

Prof. Dr. Sérgio Bandeira Gonçalves – Avaliador UFPA/FAECS

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me sustentado e guiado durante toda essa jornada acadêmica. Sua presença foi essencial em todos os momentos, especialmente nos mais desafiadores.

A minha família, minha base e meu porto seguro, expressei toda a minha gratidão. Sem o amor, o apoio e o incentivo de vocês, eu não teria chegado até aqui. Agradeço de forma especial ao meu esposo, Marinaldo Martins, que foi uma rede de apoio essencial durante toda essa caminhada. Obrigado por acreditarem em mim, mesmo nos momentos em que eu duvidei de mim mesmo.

Aos meus colegas de caminhada, meu sincero agradecimento. Compartilhar essa etapa com vocês tornou tudo mais leve e especial. Cada conversa, troca de experiência e apoio mútuo foram fundamentais para o meu crescimento.

Aos meus professores, agradeço por compartilharem seus conhecimentos e contribuírem de forma significativa para minha formação. Cada aula, cada orientação e cada palavra de incentivo foram partes importantes desse processo.

De maneira muito especial, agradeço à minha orientadora, professora Dra. Maria do Socorro Alexandre Pereira. Sua confiança no meu potencial e sua dedicação foram fundamentais para minha trajetória. Tive o privilégio de ser bolsista em dois projetos de pesquisa sob sua orientação, o que marcou minha vida acadêmica. Suas orientações contribuíram imensamente para minha formação.

Agradeço também ao senhor Jerson Azevedo e à Casa do Cimento, onde trabalhei durante todo o meu período acadêmico. O senhor Jerson me deu uma oportunidade de emprego que foi essencial para que eu pudesse seguir com meus estudos. Agradeço pela flexibilidade, compreensão e constante apoio. Trabalhar à tarde e estudar pela manhã só foi possível graças à sua generosidade e incentivo. Estendo minha gratidão a todos os colegas da Casa do Cimento, que fizeram parte dessa caminhada.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, meu mais sincero obrigado. Esse TC é fruto não apenas de esforço individual, mas de uma rede de apoio e afeto que me acompanhou ao longo do caminho.

AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA DE JUVENAL TAVARES NA EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA REPÚBLICA PARAENSE

Larissa de Abreu Martins ¹

Maria do Socorro Alexandre Pereira ²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar as condições políticas e educacionais da Primeira República, no Pará, que possibilitaram a produção e publicação das obras de Juvenal Tavares, e assim compreender como suas ideologias e contribuições literárias impactaram a formação educacional do período. O trabalho tem uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, com foco na análise histórica. Com base no contexto analisado, verifica-se que o período abolicionista e de efervescência de revoltas na Primeira República, influenciaram os escritos de Juvenal Tavares, os quais refletem aspectos como: o positivismo, a regionalidade, a valorização cultural e a estética poética e jornalística do referido escritor. Nesse sentido, no recorte das obras: Versos Antigos e Modernos, Musa Republicana, Serões da Mãe Preta e Ensino Cívico, temos demonstrado como Tavares trouxe para suas obras elementos culturais, históricos e sociais da Amazônia, promovendo, assim, o resgate e a valorização da identidade regional amazônica e incentivando a reflexão sobre questões políticas e sociais, especialmente no público jovem e estudantes do estado do Pará, no período Regencial. Como conclusão, verificamos que a presença das respectivas obras no currículo escolar do estado paraense contribui para a formação cultural e social dos educandos. A análise dessas obras mostra-se ainda mais relevante porque Juvenal Tavares foi um pensador que produziu textos voltados a valorização da cultura e da identidade amazônica, com o olhar direcionado para a formação das futuras gerações da região. Dessa forma, foi de suma importância estudar esse autor e sua produção literária, pois esse exercício possibilitou compreender como maior profundidade o período da Primeira República Paraense e os debates culturais, sociais e políticos aquele contexto histórico.

Palavras-chave: Juvenal Tavares; Obras Literárias; Educação; Primeira República.

Abstract: This work aims to analyze the political and educational conditions of the First Republic in Pará, which enabled the production and publication of Juvenal Tavares's works, and thus understand how his ideologies and literary contributions impacted the educational formation of the period. The work adopts a qualitative, bibliographical, and documentary approach, with a focus on historical analysis. Based on the context analyzed, it can be seen that the abolitionist period and the effervescence of revolts during the First Republic influenced Juvenal Tavares's writings, which reflect aspects such as positivism, regionalism, cultural appreciation, and the poetic and journalistic aesthetics of the writer. In this sense, in the selection of works: Ancient and Modern Verses, Republican Musa, Serões da Mãe Preta, and Civic Education, we have demonstrated how Tavares incorporated cultural, historical, and social elements of the Amazon into his works, thus promoting the recovery and appreciation of the Amazonian regional identity and encouraging reflection on political and social issues, especially among young people and students in the state of Pará during the Regency period. In conclusion, we found that the presence of these works in the Pará state school curriculum contributes to the cultural and social development of students. The analysis of these works is all the more relevant because Juvenal Tavares was a thinker who produced texts focused on the appreciation of Amazonian culture and identity, with a focus on the formation of the region's generations. Therefore, studying this author and his literary production was of paramount importance, as this exercise allowed for a deeper understanding of the period of the First Republic of Pará and the cultural, social, and political debates within that historical context.

Keywords: Juvenal Tavares; Literary Works; Education; First Republic.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é fruto da minha inserção como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Esta formação engloba a perspectiva de compreender e valorizar as diversas vertentes da educação, e, nesse cenário, a pesquisa e estudos acerca da trajetória de Juvenal Tavares como intelectual e educador é uma perspectiva única de explorar e produzir conhecimentos que destaquem a importância da educação no desenvolvimento social e cultural do estado do Pará.

Dessa forma, a escolha desse tema para o Trabalho de Curso (T.C.) surge da necessidade de compreender como as condições políticas e educacionais do período influenciaram diretamente a formação do pensamento educacional na região amazônica, no final do século XIX e início do século XX. Ademais, a contribuição de Juvenal Tavares (1850 – 1907), especialmente durante a Primeira República Paraense, traz a perspectiva necessária sobre a formação educacional e política da época, permitindo uma análise de suas obras e ideologias que naquele tempo ressaltavam a importância de reconhecer a diversidade cultural e as raízes amazônicas que compõem a identidade paraense. Este estudo não apenas empreende estudos sobre figura de Juvenal Tavares, mas também fortalece a compreensão e valorização da história local, contribuindo para união entre pesquisa, educação e literatura.

A escolha de Juvenal Tavares como figura de estudo, permite-me uma investigação profunda das condições políticas e educacionais do século XIX. Nessa perspectiva, a nível acadêmico, esta pesquisa objetiva contribuir para a construção do conhecimento sobre o respectivo autor e entende-se que, na perspectiva de Demo (2003), pesquisa é um importante momento de investigação, tanto para a construção do conhecimento, quanto para promover a formação acadêmica, pois através dela é possível conhecer, debater e construir conhecimento científico. Assim, essa investigação para o curso de pedagogia se mostra de grande relevância, pois permitirá aos futuros pedagogos compreender o percurso histórico da educação no contexto do século XIX paraense. Além disso, estudar a atuação de intelectuais como Juvenal Tavares, possibilita compreender como a literatura, a política e a educação se entrelaçam na formação de uma sociedade mais crítica e consciente.

Do ponto de vista social, o trabalho contribui para a valorização da memória histórica e cultural da região, a qual muitas vezes não é valorizada. Quando resgatamos a trajetória de figuras como Juvenal Tavares promovemos assim o reconhecimento da importância dos saberes locais, fortalecendo a identidade cultural e educacional do povo paraense. Em nível pessoal, a escolha pelo tema representa não apenas um compromisso acadêmico, mas também uma

oportunidade de aprofundamento no campo da pesquisa, estimulando a formação como pesquisadora e educadora comprometida com a valorização da educação e com a construção de uma prática pedagógica fundamentada no conhecimento crítico e histórico.

Nesse cenário, emerge a seguinte questão de pesquisa: **quais foram as condições políticas e educacionais específicas da Primeira República Paraense, no Pará que permitiram e influenciaram a produção e publicação das obras de Juvenal Tavares, e como suas ideologias e contribuições literárias impactaram a formação educacional do período Republicano?** Para responder tal questão, o estudo teve como principal objetivo: **Analisar as condições políticas e educacionais Primeira República Paraense, no Pará que possibilitaram a produção e publicação das obras de Juvenal Tavares, e assim compreender como suas ideologias e contribuições literárias impactaram a formação educacional do período.**

Além do objetivo central, também foi trabalhado mais três objetivos específicos como: Analisar as obras de Juvenal Tavares na Primeira República paraense; descrever o contexto político e educacional da Primeira República paraense; Compreender como as ideologias e contribuições literárias de Juvenal Tavares impactaram a formação educacional do período.

Para instrumentalizar a pesquisa e aprofundar a compreensão sobre o contexto político, educacional e literário do Pará, no século XIX, foram utilizados autores cujas produções acadêmicas dialogam diretamente com essa temática. Nesse sentido, destacam-se Duarte (2018) que investiga como os livros escolares produzidos na Amazônia paraense foram usados como instrumentos de formação moral, linguística e cultural dos meninos, promovendo uma ideologia civilizatória eurocêntrica e cristã, moldando identidades e hierarquias simbólicas entre o “civilizado” e o “bárbaro”; Junior (2022) descreve e contextualiza em seu TCC o livro de Juvenal Tavares (1898), evidenciando como ele foi usado para moldar a educação cívica dos meninos paraenses no início da República. Roger Chartier (1991) de como os textos escritos adquirem sentido a partir de sua materialidade concreta, das condições de produção e disseminação e dos contextos de leitura. Seu enfoque histórico-cultural revela que forma e conteúdo andam juntos, e que uma mesma obra textual é sempre reinterpretada conforme suporte, edição, tradução, mídia, época e práticas de leitores. Esses referenciais teóricos permitiram uma análise crítica tanto das condições que possibilitaram a atuação intelectual de Juvenal Tavares quanto do impacto de suas obras na formação educacional da Primeira República paraense.

Dessa maneira, para alcançar os objetivos propostos, foi necessário realizar leituras de artigos acadêmicos dos autores mencionados acima, bem como também um estudo aprofundado das obras de Juvenal Tavares. Para tanto, recorreu-se ao setor de Obras Raras, que foi acessado de forma online por meio do site da Biblioteca Pública Arthur Vianna, que se mostrou de vital importância para a continuidade desta pesquisa. Esse acervo foi essencial, pois disponibiliza em bom estado de conservação os exemplares originais das produções de Tavares, permitindo o acesso direto às fontes primárias e viabilizando leituras e análises mais precisas. A consulta a essas obras foi fundamental para compreender as ideias expressas pelo autor e sua inserção no cenário educacional e político da época.

Assim, para a realização desta pesquisa, foi adotada uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, com foco na análise histórica. A escolha pela abordagem qualitativa se justifica por ser a mais adequada aos objetivos da investigação, uma vez que a proposta dessa pesquisa não envolve dados quantitativos ou percentuais, mas sim a compreensão e interpretação dos contextos históricos e educacionais. Desse modo, Silveira e Córdova (2009), propõem que quando o pesquisador se propõe a usar essa abordagem a sua preocupação está voltada para as relações sociais e explicações mais claras.

Para Gerhardt e Silvera (2009), a metodologia não pode ser confundida com conteúdo nem com procedimentos, já que a metodologia está interessada pelo caminho que o autor vai escolher para chegar ao resultado esperado pela pesquisa. Sendo assim, na metodologia não se deve apenas descrever os procedimentos, é importante apontar a escolha que o pesquisador utilizou para abordar o objeto de estudo.

Diante dessa perspectiva, este trabalho assenta-se em uma pesquisa com ênfase na documentação disponível e na bibliografia produzida sobre a época em que Juvenal Tavares se consagrou como escritor, jornalista, abolicionista e contista. Assim será feito uso da pesquisa documental, que segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 69), a pesquisa documental “é aquela que se utiliza de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico”. Dessa forma, serão analisados documentos primários, como livros e documentos secundários, como artigos acadêmicos e obras correlatas relacionadas ao contexto histórico, político e educacional do século XIX, no Pará.

Ademais, no concernente a pesquisa bibliográfica, ela é justificada pela necessidade de compreender as influências políticas e educacionais que permearam a produção literária de metodologicamente este trabalho adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, como foco na análise histórica Juvenal Tavares e de acordo com Gil (2008, p. 44),

“a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, o que possibilita analisar e discutir o que já foi produzido sobre o tema utilizando produções acadêmicas que abordam a história da educação brasileira e, especificamente, a história da educação na Amazônia Paraense, buscando identificar as contribuições de Tavares, nesse campo.

Desse modo, a pesquisa está organizada da seguinte forma: primeiramente, será apresentado o contexto político e educacional, afim de compreender os acontecimentos mais relevantes do período. Em seguida, será feita uma breve biografia de Juvenal Tavares, de modo a apresentar o autor ao público. Na sequência, serão analisadas suas principais obras: Versos Antigos e Modernos, Serões da Mãe Preta, Ensino Cívico e Musa Republicana, que receberá uma análise mais detalhada. Por último, será apresentada a conclusão, na qual serão retomados os pontos principais discutidos ao longo do trabalho.

2 CONTEXTO POLÍTICO E EDUCACIONAL DO SÉCULO XIX

Na visão de Duarte (2018, p.169), “o Pará passou por intensas mudanças sócio-históricas e políticas durante a transição do Império para a República”. Destaca-se que essas mudanças estão diretamente relacionadas a uma série de revoltas e movimentos populares que contribuíram para o enfraquecimento da monarquia no Brasil, a exemplo da Cabanagem (1835-1840). Este movimento, de forte caráter popular, foi um marco no período regencial, pois expressava a insatisfação das camadas mais pobres da população paraense diante da exploração econômica, da desigualdade social e da dominação política exercida pelas elites locais em conluio com o poder imperial.

Nesse contexto, vale ressaltar que essas rebeliões tiveram, em grande medida, a influência ideológica da Revolução Francesa, que se tornou uma fonte de inspiração libertária para os cabanos. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade reverberaram entre os revoltosos, que encontraram na luta revolucionária francesa um exemplo de resistência contra o regime português e a dominação imposta não apenas pelo governo imperial, mas também pelo clero, que exercia grande influência na manutenção da ordem social vigente.

Durante o século XIX, o Pará foi palco de uma intensa efervescência política e social, marcada por episódios como a questão da abolição da escravatura em 1888, que alterou profundamente as relações de trabalho e a estrutura socioeconômica da província, e a Proclamação da República, em 1889, que instaurou uma nova ordem política e ideológica no país. Nesse interim, emerge a presença de correntes de pensamento de viés positivista, que encontraram terreno fértil na elite intelectual e política paraense. Essa nova forma de governo

republicano passou a se pautar na busca pela ordem, pelo progresso, pela modernização da sociedade e pelo avanço científico e tecnológico, seguindo os ideais defendidos por Auguste Comte e por intelectuais brasileiros influenciados por essa corrente filosófica (Cardoso Junior, 2022).

Sob tal perspectiva, os estudos de Coelho (2002, p. 31) apontam que os republicanos paraenses “foram sujeitos por excelência da doutrinação republicana emanada dos círculos políticos de Paris”. Esse elo com o pensamento europeu demonstra como as elites locais buscavam legitimar a nova forma de governo por meio da apropriação de ideais modernos, importando e adaptando teorias que reforçassem o projeto republicano.

É justamente nesse cenário, marcado por condições políticas, sociais e educacionais específicas do século XIX, que emergem as obras de Juvenal Tavares. Sua produção literária e didática reflete as influências do movimento abolicionista e das mudanças governamentais que impactaram diretamente o sistema educacional da época (Cardoso Junior, 2022). Juvenal Tavares, ao lado de outros intelectuais paraenses, foi um ator fundamental na consolidação de uma educação laica e republicana, voltada para a formação de cidadãos conscientes de seu papel social e de seu pertencimento à nação.

Antes de nos atermos mais profundamente à produção de Juvenal Tavares, é interessante salientar que:

A produção de livros didáticos em Belém, durante o período conhecido como Belle Époque (1890-1910), foi significativamente impulsionada pela recém-formada República e pela inserção do Brasil em um mercado internacional que demandava novos saberes e práticas pedagógicas. Por outro lado, os autores paraenses, imbuídos de um forte sentimento patriótico e inspirados pelos ideais positivistas, ansiavam por criar materiais didáticos que fossem verdadeiramente nacionais, tanto na forma quanto no conteúdo, rompendo, assim, com a dependência de modelos europeus e estrangeiros (Duarte, 2018, p. 141).

Além disso, o período republicano consolidou um cenário de transformações urbanas em várias capitais, motivado pela necessidade de reformular as cidades para responder a epidemias, como demonstra Costa (2020). Essas reformas, inspiradas em Paris, alteraram a paisagem urbana, mas também afetaram diretamente as camadas populares, que muitas vezes foram deslocadas para regiões periféricas, ampliando as desigualdades sociais.

Outro fator marcante foi a tentativa de modernizar a economia brasileira, ainda fortemente agrária, por meio de incentivos à industrialização. O governo de Ruy Barbosa, por exemplo, procurou criar condições para o surgimento de fábricas, gerando um ambiente de especulação financeira que ficou conhecido como o “encilhamento”. Embora tenha estimulado

a criação de novas empresas, o movimento acabou resultando em inflação e crise, evidenciando os limites da modernização acelerada (Costa, 2020).

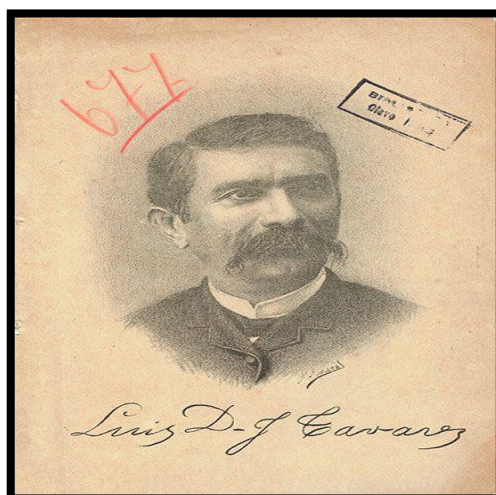
Nesse mesmo período, a educação ganhou centralidade nos discursos republicanos como forma de disciplinar a sociedade e moldar cidadãos para a nova ordem. Foram criados liceus, escolas normais e instituições técnicas, como destaca Costa (2020), mas ainda assim a escolarização era um privilégio restrito a poucos. O analfabetismo persistia como uma chaga estrutural, especialmente entre a população negra recém-liberta, para a qual o Estado pouco ofereceu em termos de inclusão real.

É nesse ponto que se compreende melhor o valor simbólico e prático da obra de Juvenal Tavares: ao apostar na educação leiga e republicana, ele contribuiu para ampliar o acesso a uma formação que, ainda que restrita, plantava sementes de cidadania e identidade local. Sua produção revela a dimensão pedagógica como ferramenta de transformação e, ao mesmo tempo, como resistência cultural frente às influências estrangeiras.

Dessa forma, a produção deste autor reflete a riqueza literária e o seu compromisso com a valorização da cultura, da história e das tradições do Pará, apresentando reflexões assentadas em ideias progressistas e patrióticas que foram fomentadas durante esse período de intensas mudanças sociais e políticas na região. Outro ponto importante que influenciou a obra de Juvenal Tavares foi sua postura política como abolicionista, o que demonstra sua sensibilidade para as grandes questões de seu tempo e reforça o papel de sua produção como testemunho de um momento crucial da história paraense e brasileira. Sua atuação como educador, escritor e intelectual engajado, revela como a literatura didática pode servir de ferramenta para a construção de uma consciência nacional e regional, que buscava afirmar a identidade local em diálogo com os projetos de modernização e progresso do Brasil republicano.

2.1 QUEM FOI LUIZ DEMETRIO JUVENAL TAVARES?

Figura 1: Escritor Juvenal Tavares



Fonte: CENTUR (Setor de Obras raras)

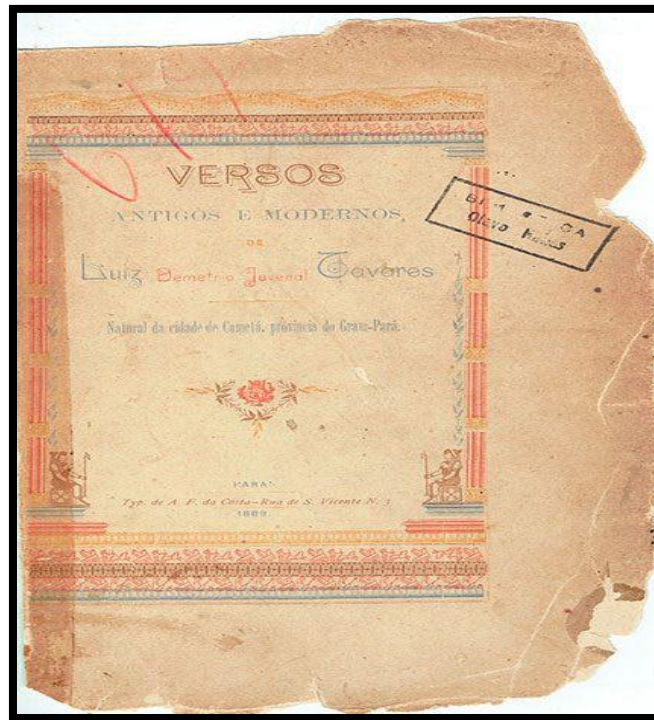
Segundo Azevedo (1970), Luiz Demétrio Juvenal Tavares nasceu em Cametá, no dia 21 de junho de 1850, e faleceu na mesma cidade em 30 de junho de 1907. Juvenal tinha orgulho de sua origem, sendo descendente de uma família de bandeirantes paulistas. Kursou seus estudos no Seminário de Santo Antônio, onde conquistou grande respeito do bispo Dom Antônio Macedo Costa.

Desde cedo, revelou forte inclinação pela poesia popular, característica que levou muitos críticos a reconhecê-lo como um poeta genuinamente nacional. Além de poeta, Juvenal se consagrou como jornalista, defendendo avidamente os ideais abolicionistas e republicanos. Aos 22 anos, Juvenal Tavares publicou seu primeiro livro de versos, *Pyrilampos* (1877), que foi muito bem recebido pelo público. Além dessa obra, também lançou *Paraenses* (1877), *Viola de Joana* (1887), *Versos Antigos e Modernos* (1889) e os livros de contos *Vida na Roça* (1896), *Casos e Mais Casos*, *Serões de Mãe Preta* (1897), além de *Musa Republicana*. Além disso, Juvenal também lançou obras dos costumes paraenses sobre o pseudônimo de 'Canuto, o Matuto'. Todas suas obras são reconhecidas pela sua relevância na literatura nacional.

2.2 ANÁLISE DAS OBRAS DE JUVENAL TAVARES

Abaixo estão algumas das principais obras do autor, acompanhadas de suas descrições, que revelam sua importância literária e seu compromisso com a cultura, a história e as questões sociais da Amazônia. Essas obras refletem os temas centrais abordados por Juvenal Tavares e seu papel na valorização da identidade regional e na formação cultural dos leitores.

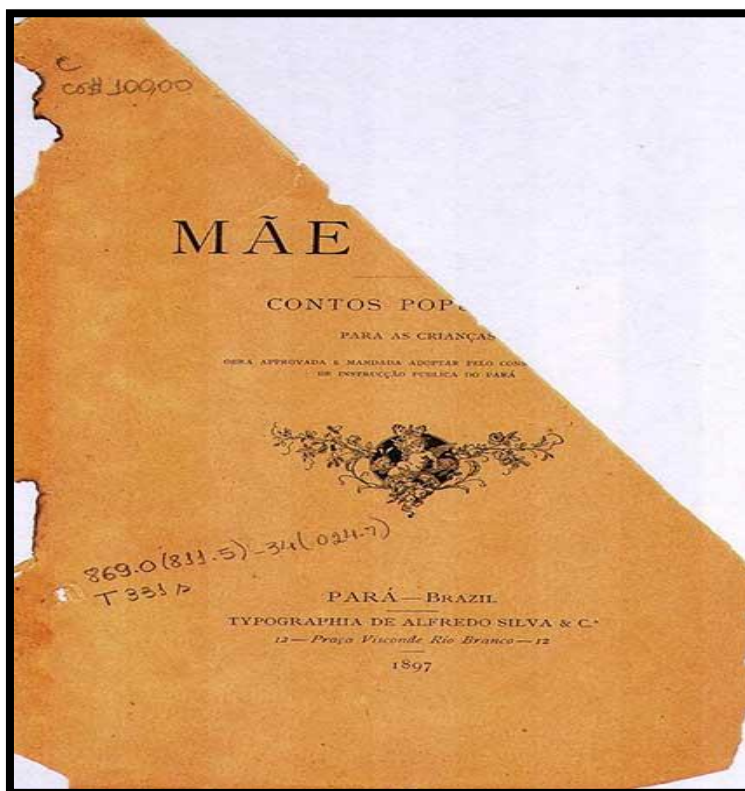
Figura 2: Obra Versos antigos e modernos (1889)



Fonte: CENTUR (Setor de Obras raras)

Versos Antigos e Modernos: esta obra foi na sua maior parte escrita entre os anos de 1869 e 1877, é uma coleção de poesias de Juvenal Tavares que reúne composições produzidas ao longo de cerca de cinco décadas, refletindo sua evolução como poeta. A obra reflete não apenas o amadurecimento do autor ao longo dos anos, mas também as transformações em sua visão de mundo, em seus sentimentos e em sua sensibilidade artística. As poesias presentes no livro exploram uma variedade de temas, incluindo a natureza exuberante da Amazônia, o amor, a saudade e reflexões sobre a vida. O autor utiliza uma linguagem descritiva para captar a beleza e a complexidade dos sentimentos humanos. A obra destaca-se por sua sensibilidade poética e pela forma como o autor incorpora elementos culturais e históricos da região amazônica em suas poesias.

Figura 4: Obra *Serões da mãe preta*

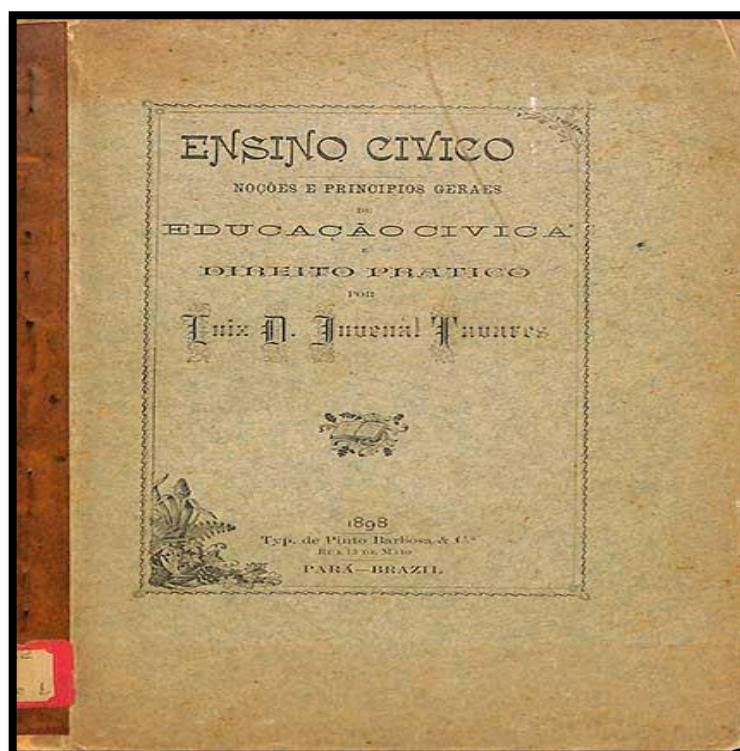


Fonte: CENTUR (Setor de Obras raras)

Serões da Mãe Preta: é uma coleção de contos e poesias infantis contados pela “mãe preta”, uma personagem simbólica que remete ao período da escravidão no Brasil. Essa personagem representa as mulheres negras que, durante aquele tempo, cuidavam dos filhos das famílias para as quais trabalhavam, transmitindo saberes, valores e histórias por meio da oralidade, especialmente durante os momentos de descanso, os chamados serões.

Os contos presentes na obra, em sua maioria protagonizados por animais, resgatam elementos da tradição popular, trazendo à tona mitos, lendas, fábulas e ensinamentos que foram passados através de gerações, principalmente nas comunidades afrodescendentes. A obra é um tributo à tradição oral e à riqueza cultural do Brasil, destacando a importância das histórias e dos ensinamentos passados de geração em geração. Através das histórias transmitidas pela “mãe preta”, o autor evidencia como a oralidade foi um dos principais instrumentos de resistência cultural e de formação das gerações, especialmente em contextos em que o acesso à educação formal era limitado ou inexistente. O autor utiliza uma linguagem acessível e envolvente para captar a atenção do público infantil e preservar a memória cultural da época.

Figura 6: Obra Ensino cívico: noções e princípios geraes de educação cívica e direito



Fonte: CENTUR (Setor de Obras raras)

Ensino Cívico: aborda conceitos e princípios gerais de educação física e direito prático, oferecendo uma visão abrangente sobre a importância desses elementos na formação dos cidadãos. Através de uma estrutura bem organizada, composta por diversos capítulos, o autor discute temas que vão além do simples aprendizado teórico, abrangendo aspectos como moral, civismo, higiene, saúde e bem-estar, destacando a relevância da educação física e do direito na vida cotidiana. Juvenal Tavares enfatiza a necessidade de uma educação integral que prepare os jovens para serem cidadãos conscientes e responsáveis, promovendo valores éticos e cívicos.

Juvenal Tavares defende, ao longo da obra, a importância de uma educação que não se limite apenas ao desenvolvimento intelectual, mas que também promova a formação física, ética e social dos indivíduos. O autor destaca que o conhecimento das leis, aliado à prática dos valores cívicos, é essencial para a construção de uma sociedade mais harmônica, solidária e organizada. Ao tratar de temas como higiene e saúde, Tavares também reforça que o cuidado com o corpo e o ambiente deve ser visto como uma responsabilidade individual e coletiva, fundamental para a qualidade de vida e o bem-estar social.

É importante ressaltar que na análise das obras, observamos sua relação com os contextos políticos e educacionais da Primeira República paraense, onde a figura de Juvenal

Tavares emerge como um importante intelectual e educador, o qual como poeta, jornalista e abolicionista, englobou em suas obras elementos culturais, históricos e sociais da Amazônia, trazendo contribuições para a valorização da identidade regional.

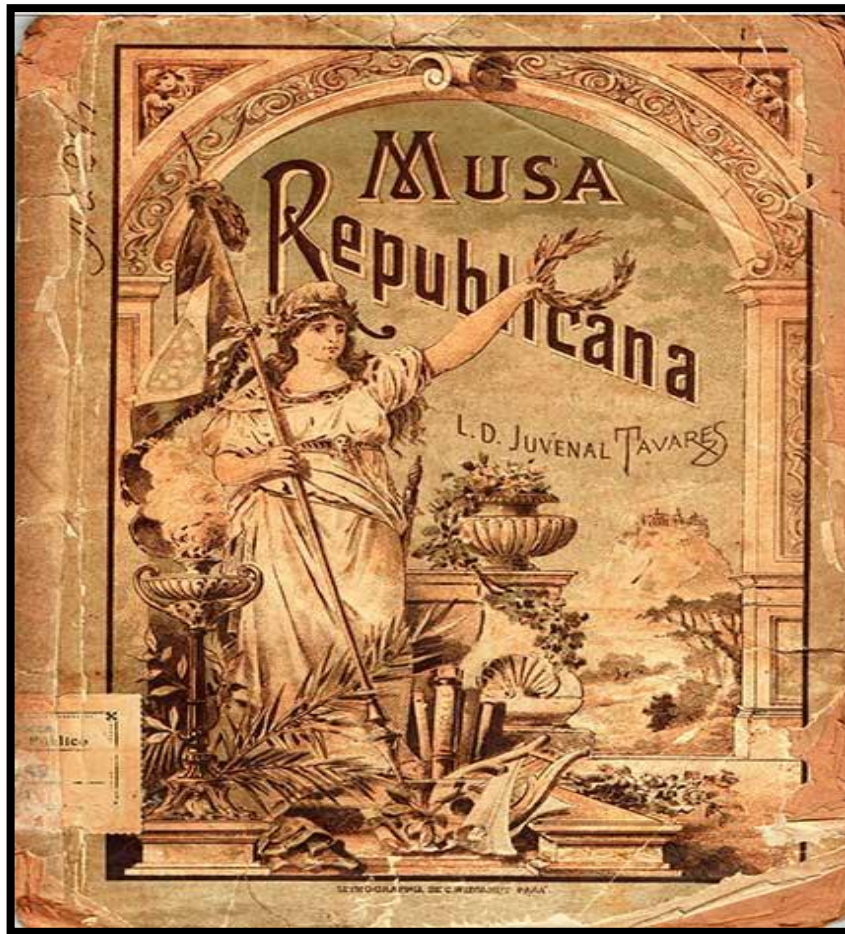
As principais obras de Tavares, conforme descritas anteriormente refletem o compromisso do autor com os ideais republicanos e abolicionistas, além de autor na valorização da fauna, flora, imaginário e credos da Amazônia, exaltando a beleza natural da região, e ainda reforçando a conexão cultural e histórica do povo paraense com seu ambiente.

Na análise das obras verifica-se que em “Versos Antigos e Modernos”, a referências a flora e fauna da Amazonia e a exaltação da biodiversidade da região. Já na obra “Serões da Mãe Preta”, temos o resgate de histórias e lendas transmitidas oralmente, nesse caso estas residem na figura idealizada da “mãe preta”. Verifica-se que esses contos, são protagonizados por animais, que são caracterizados por suas características regionais, e assim temos o enfoque nos mitos amazônicos na formação cultural da região. Por fim em ensino “Ensino Cívico”, o autor aborda conceitos e princípios gerais de educação física e direito prático, nesta obra o autor objetiva promover a formação de cidadãos conscientes e responsáveis, e valorizando aspectos da cultura e história locais.

No plano da interrelação entre a contribuição do autor a educação e a influência que as obras sofreram da perspectiva histórica, vemos que a presença das obras de Juvenal Tavares no currículo escolar possui um impacto latente na formação educacional dos estudantes paraenses. Uma vez que suas obras foram aprovadas como livros de leitura nas escolas do estado do Pará, impactando diretamente a formação dos estudantes, contribuindo para uma maior valorização da identidade regional entre os jovens e estimulando a reflexão sobre questões sociais e políticas. Verifica-se ainda que ao serem discutidas nas escolas, essas obras auxiliam na manutenção da memória cultural da região e promoveram a valorização das narrativas tradicionais entre as novas gerações.

2.3 MUSA REPUBLICANA: HOMENAGEM À PÁTRIA BRAZILEIRA NO SEU DIA MAIS GLORIOSO (1892)

Figura 9: Obra Ensino cívico: noções e princípios gerais de educação cívica e direito



Fonte: CENTUR (Setor de obras raras)

A obra *Musa republicana: homenagem à pátria brasileira no seu dia mais glorioso* foi publicada no ano de 1892, por Luiz Demétrio Juvenal Tavares, contendo um total de 84 páginas, foi publicada apenas três anos após a Proclamação da República no Brasil, essa obra é um exemplo de como a literatura e a arte podem ser usadas para legitimar mudanças de regimes políticos e assim transmitir seus ideais junto à sociedade. A obra *Musa Republicana* marca justamente a transição entre o Império e a República, a obra já em sua materialidade expressa a intensão de exaltar a simbólica e de construção de identidade nacional.

Neste trabalho, foi analisado para além do conteúdo textual da obra, foi realizada uma análise de sua materialidade, uma vez que ela deve ser compreendida em sua dimensão material, como destaca Roger Chartier, “materialidade do texto significa os formatos diferentes das obras publicadas. Significa também a inscrição e a disposição do texto sobre as páginas do livro” (Chartier, apud Furtado; Coelho, 2022, p. 612). Assim será feita uma breve análise do suporte físico, técnico de impressão e estado de conservação, a composição da capa, os símbolos presentes e metáforas que se articulam na capa construindo assim o visual do regime republicano.

É possível verificar que a referida obra remete a elementos estéticos relacionados à solenidade e à oficialidade. A capa com todas as suas ilustrações releva a preocupação da editora com a apresentação da obra, comunicando assim uma intenção tornar-se objeto de culto cívico, ou seja, um símbolo valorizado pela comunidade, pois ela transmite os valores, histórias e tradições do país.

Para Chartier, a forma material pela qual o texto chega ao leitor é uma mediação essencial na produção de sentido (Furtado; Coelho, 2022). Assim, o autor reforça que o modo como a obra é apresentada à comunidade não é neutra, pois o leitor também é influenciado pela forma que o texto se apresenta, algo dito por Roger Chartier, que defende o fato de que a materialidade dos textos influencia suas interpretações ao longo do tempo.

A partir disso, percebemos que a tipografia e a organização visual da capa merecem destaque, uma vez que a estrutura da capa remete aos épicos clássicos, devido a narrativa de grande importância que o texto apresenta, reforçando o ideal republicano como digno de ser cantado publicamente. A escolha em cada detalhe da obra, como o tipo de letra, os espaçamentos e margens largas, tudo é idealizado com alguma intenção. Como defende Chartier:

As escolhas do autor, do corretor, do operário tipográfico ou do tipógrafo, na Primeira Modernidade, no que se refere às grafias ou às pontuações. Então, isso é um conjunto de elementos que define a materialidade do livro, que produz uma possibilidade de recepção da obra para os leitores que pensam sua apropriação isoladamente em relação ao texto lido, mas que é, ao mesmo tempo, uma apropriação guiada, estrangida, organizada pela materialidade do livro, que o leitor não necessariamente tem presente na sua consciência. (Furtado; Coelho, 2022, p. 612)

Juvenal Tavares tinha um grande apreço por usar figuras femininas como destaque em suas obras, pois na obra *Serões da Mãe Preta* ele também utiliza como figura principal a mãe preta, essa era uma estética muito presente na arte e na literatura da época de Tavares. Nesse mesmo sentido temos a figura feminina como componente principal da obra *Musa Republicana*.

Assim, a Musa representada por uma figura feminina centralizada na capa, sendo um componente simbólico e material. A Musa presente, não é apenas um simples personagem decorativo, ela traz uma forte representação da República sob os moldes do neoclassicismo, estabelecendo paralelos com a pátria e a liberdade, pode-se perceber que ela está de postura altiva e vestes greco-romanas, elementos como o estandarte, os ramos de louro, unas, colunas neoclássicas e os livros empilhados reforçam a mensagem de sabedoria e progresso, a capa em

si da obra traz uma série de informações sobre os acontecimentos da época em que a obra foi publicada. Dessa forma, podemos perceber que a musa personifica os valores que a República deveria seguir.

Conforme a perspectiva de Chartier, a forma, a estética, os dispositivos gráficos e os paratextos não são acidentais, mas compõem um projeto discursivo articulado com contexto histórico da consolidação da República no Brasil. A capa, portanto, é um convite visual que antecipa o conteúdo e molda a leitura, funcionando como um paratexto fundamental.

No primeiro capítulo da obra, temos o poema “**Gênio da Liberdade**”, feito especialmente para o 3º aniversário da República Brasileira. Na primeira estrofe já temos a liberdade como a personificação de um gênio, uma força que atravessa o tempo e espaços históricos, aqui pode-se perceber uma narrativa de liberdade que foi concedida com a Proclamação da República.

Genio da Liberdade, é genio americano, lus de povos oprimidos, sol republicano; ta, que, através do mar, guiaste o genovez, e as águas dividiste ao povo de Moyzés; tu, que fazes tromer Tarquinios dissolutos, si mandas trovejar na praça a voz dos Brutos [...] (Tavares, 1892, p. 7).

No texto, Tavares utiliza nomes históricos que reforçam a ideia de liberdade, além de fazer referência aos Palmares, símbolo de resistência negra e à escravidão. “*Mas hoje o peito meu de jubilo é repleto, porque, enfim, este sonho está real, completo*” (Tavares, 1892, p. 8). Nesse fragmento é possível perceber o tom de celebração e redenção presentes, como se a história que antes era de opressão finalmente encontrasse seu desfecho. O texto também revela uma nova identidade nacional republicana, livre do jugo imperial, “*não mais tranno aqui, não sceptro e corôa esta palavra [...] já não se diz atoa*” (Tavares, 1892, p. 8).

No último trecho “*Saudemos, pois, ó Musa, ao Foro Brasileiro no dia em que, feliz, o entusiasmo o invade... no dia em que deixou de ser o derradeiro na terra americana.*” (Tavares, 1892, p. 8). Aqui, Tavares afirma que finalmente o Brasil deixou de ser um país monárquico e finalmente, fez como os demais países da América, aderindo ao modelo republicano. Temos aqui a ideia do momento histórico glorioso para o Brasil. O último verso “*Oh! Salve, Liberdade!*” (Tavares, 1892, p. 8), onde mais uma vez Tavares deixa explícito a ideia de progresso que o país estava tomando.

Em seguida temos o poema “**Contra Monarchistas**”. Por meio do título já percebemos que o texto foi escrito diretamente para as pessoas que eram simpatizantes da monarquia. “*Como! No Sec’lo das luzes, na cegueira este persiste?!...*” (Tavares, 1892, p. 9). O autor expressa um sentimento de surpresa ao perceber que ainda havia muitas pessoas principalmente

jovens que eram a favor da monarquia, Tavares retrata através de seu texto o quando é irracional que mesmo em tempos de liberdades como o mesmo falar em seus textos.

No outro trecho, ele vem reforçar o medo de que a República falhe e a monarquia se concretize, *“amargamente pensando que esta negra prophecia, p’ra nossa vergonha eterna, realizar-se bem podia; tendo nos olhos o pranto e o coração confrangido, investigava o futuro ora crente, ora descrito”* (Tavares, 1892, p. 10). Neste trecho, o sentimento é de vergonha nacional, em que podemos perceber nas entrelinhas, a fragilidade da República e a preocupação do autor de que ela não conseguisse vigorar. O poeta ainda reforça que *“queira – vil! – curvar-se escravo a uma falsa majestade? ser d’um rei súbdito digno e indigno da liberdade?”* (Tavares, 1892, p. 10), ou seja, não há compatibilidade entre a monarquia e a liberdade, falando que quem defende a monarquia está negando a sua própria liberdade como cidadão.

Tavares ainda acrescenta que *“não concebo ódio por ele, mas desprezo ou compaixão”* (Tavares, 1892, p. 13), deixando claro que a monarquia é indigna de atenção, ainda acrescenta ter compaixão por essas pessoas que ainda são atrasadas e alienadas. Se olharmos atentamente para o texto percebemos que o autor expressa por diversas vezes a superioridade moral e intelectual do republicano, pois ele os conceber como apoiadores do progresso histórico.

2. 4 HERÓIS DA REPÚBLICA

Em seguida, temos o poema em homenagem a **“Benjamin Constant”**, sendo este uma das pessoas mais importantes da Proclamação da República no Brasil. *“Si teve o bem por princípio, por constante terminou, o acaso deu-lhe uma espada, mas só da palavra usou”* (Tavares, 1892, p. 14). Nesse trecho, o poeta já destaca a firmeza e caráter do líder republicano, uma vez que ele escreve que Benjamin se manteve firme e constante até o fim, além de enfatizar sua inteligência intelectual, que sempre usava a palavra de forma ética e embora militar, é representado como um intelectual e pacificador.

O poema **“Saldanha Marinho”** faz alusão ao republicano José Carlos do Patrocínio Saldanha Marinho, sendo esse também um dos grandes nomes relacionados a Proclamação da República, assim como o Benjamin Constant. Logo, nos primeiros versos, Tavares já associa nome de Saldanha Marinho à grandiosidade da época: *“Seu nome, seu grande nome, que enche o novo e velho mundo, recorda as luctas gigantes travadas no mar profundo.”* (Tavares, 1892, p. 17). Aqui nós temos uma referência as disputas travadas pelo próprio Marinho. *“Pregar sempre a liberdade tal tem sido sua missão; si quer livre a consciência, quer vem livre o coração. Si é livre o cérebro, a língua tenha a mesma faculdade: - liberdade- p’ra quem fala – liberdade”* (Tavares, 1892, p. 18). Marinho lutava tanto pela liberdade política, quanto pela

liberdade de pensamento, de consciência e de expressão, no trecho acima podemos perceber que o autor utiliza a palavra liberdade para reforça essa luta, a ideia de liberdade reforça a importância desse valor, principalmente para os republicanos.

Tavares também faz menção à figura de Floriano Viera Peixoto, no poema intitulado **“Floriano Peixoto”**, segundo presidente da República do Brasil, onde foi conhecido como “Marechal de Ferro”. Como sempre, Tavares inicia o poema fazendo trocadilhos com o nome do personagem, deixando o texto mais leve: *“Flor... Qual flor! Por uma syllaba acesa em ferro candente, começar devia o nome, d’ um militar tão valente”* (Tavares, 1892, p. 19). Aqui, Tavares faz um jogo de palavras com o nome do Floriano, ele repassa a ideia de que apesar do nome soa suave como flor, ele deveria começar com ferro candente, para retratar a força do caráter militar de Floriano.

Em seguida, é feita referência à coragem do personagem mesmo em frente a traições *“mostrou que não prega olho, quando presente o traidor”* (Tavares, 1892, p. 19), caracterizando Floriano como alguém sempre alerta e determinado. Uma das características das obras de Tavares é a facilidade que ele tem em se aproximar do povo utilizando uma linguagem mais coloquial, sendo essa uma forma de fazer os leitores entenderem e se colocarem dentro das histórias. Dessa forma, Tavares, através de sua poesia, transforma Floriano em herói do povo, dando a entender que ele compreende e protege os interesses do povo.

A seguir, temos mais um poema **“Silva Jardim”** inspirado em outro defensor da República o Senhor Antônio da Silva Jardim, conhecido especialmente por seu radicalismo político. Tavares inicia o poema expressando novamente fazendo trocadilhos com os nomes, *“Tinha no nome perfume delicados, attrahentes; mas no crâneo tinha chispas, na bôcca levas candentes”* (Tavares, 1892, p. 21). Nos versos podemos ver o contraste que o autor faz comparando a suavidade do nome com o interior revolucionário do personagem. A poesia continua dizendo: *“[...] mas nos vôos do pensamento, sobrepujava os condores. Acostumado a librar-se lá, dos astros pela altura[...]”* (Tavares, 1892, p. 21). Nesses versos, Silva Jardim é comparado a uma ave de rapina, simbolizando nobreza, liberdade e alcance elevado. Fazendo uma representação de sua mente como transcendente, capaz de atingir as alturas dos astros. Além disso, o autor também menciona a morte de Silva Jardim: *“fugindo da Pátria, que leva no coração, vai fazer seu leito eterno lá, no seio d’um vulcão.”* (Tavares, 1892, p. 22) Tavares tem uma clara tentativa de criar um herói popular da nova ordem pública.

Juvenal Tavares também faz referência ao **“Quintino Bocayuva”** um dos mais importantes propagandistas da República no Brasil, o poema faz referências as virtudes morais, firmeza e inteligência. *“Si quin tino, como dizem, sem tino vem a dizer, no Quintino Bocayuva*

o contrário se há de ver” (Tavares, 1892, p. 23), o poeta já começa mencionando a expressão popular “sem tino” que significa sem juízo, fazendo assim um trocadilho com o nome de Quintino, mas Tavares deixa claro que o oposto da expressão popular ele expressa juízo e sabedoria. Tavares sempre usa esses jogos linguísticos como uma forma de deixar o poema mais leve, além disso, ele consegue repassar a sua verdadeira intenção que é mostrar ao público que o personagem é visto como um homem de razão e firmeza.

No próximo trecho o autor reconhece a sabedoria que Quintino foi um homem muito sábio e coerente, tanto no Império quanto na República, destacando que foi no período republicano que sua inteligência brilhou com força: *“teve tino e muito tino nos dias da monarchia, mas tino maior mostrara da República no dia.”* (Tavares, 1892, p. 23) o autor reforça aqui a ideia de que a República não surgiu do nada, mais sim que ela pensada e construída por homens que se destacavam intelectualmente.

No poema **“Paes de Carvalho: 12 de novembro de 1892”**, Tavares continua com suas homenagens aos heróis da república, dessa vez ele homenageia Lauro Sodré Paes de Carvalho, político paraense, republicano histórico e militar de destaque no período da república. Nos primeiros versos o autor fala: *“Longe da Patria e dos amigos longe, não mais teu nome por aqui resôa... Oh! Será certo que do mundo a glória rápido vôa? Não acredito; pois a gloria imensa, preclara fama que acela nou tem nome, o tempo edaz, que o mesmo bronze estraga, nunca a consume.”* (Tavares, 1892, p. 25). Nesse trecho, Tavares questiona se com a partida de Paes de Carvalho, todo o reconhecimento dele desaparecerá, sendo essa uma pergunta retórica usada para enfatizar que isso não aconteceria, pois nem o tempo é capaz de apagar a glória e os feitos que Paes de Carvalho fez em prol da república. O autor tem um cuidado em mencionar esses personagens como uma forma de preservar os nomes dos republicanos sempre nas memórias, uma vez que foram grandes defensores e apoiadores da República.

Ainda nesse poema, o autor termina fazendo da Musa uma mensageira, assegurando que mesmo longe, a pátria ainda ama e honra Paes de Carvalho, o verso diz: *“Vae, pois, ó Musa, var além dos mares, lá onde está, lhe murmurar no ouvido: - Na Pátria amada, como outr’ora, és hoje muito querido”* (Tavares, 1892, p. 26), além disso, podemos perceber que a literatura tem a função de guardar na memória todos esses heróis.

O texto **“A BOA IDEIA”** foi dedicado ao Dr. Lauro Sodré, pela fundação do Liceu “Benjamin Constant”. É uma das peças da Musa Republicana que trata da educação como uma força revolucionária e libertadora. Tavares inicia o poema dizendo: *“Girou no espaço em momento e sobre o sólo cahiu; mas a terra foi-lhe ingrata... Não germinou nem floriu”* (Tavares, 1892, p. 27). Neste trecho, a ideia é representada como semente, lançada à terra que

pode ser considerada o Brasil, onde de início, a terra pode ter se mostrado infértil, simbolizando a sociedade que no início estava presa ao Brasil Imperial. No trecho a seguir, o autor diz: “*Ao calor da caridade, a semente intemerata acha amor na humanidade e a terra não lh’ e ingrata*” (Tavares, 1892, p. 28). Nesse verso já temos uma terra pronta para receber a semente, ou seja, o povo já está preparado para receber as ideias da república, pois, agora, o povo já consegue perceber que no período monárquico, não havia liberdade.

No trecho a seguir temos a tese central do poema: “*Liberdade, ó liberdade, és do Brazil o condão. Espancas o servilismo só co’as luzes a instruções*” (Tavares, 1892, p. 28). É um verso em que Tavares retrata a educação como o único caminho para a verdadeira liberdade, o autor não diz que é necessário força bruta, violência ou barbárie, ele reforça que: “*As armas, que nós brandimos contra os velhos preconceitos, não fazem chorar os olhos, nem fazem gemer peitos. São a palavra e o prélo fazendo a revolução*” (Tavares, 1892, p. 28), logo, é nítido que o autor está dizendo que o conhecido sim, é libertador e que a República é um período de progresso e luz, reforçando que com a palavra, através das instruções adequadas, é possível vencer sem matar e destruir.

A seguir, temos a descrição de povo jovem, renovado, pacífico e audacioso, tendo finalmente se libertado da monarquia, Tavares escreve assim: “*Povo novo, - o Brasileiro é o novo até na bravura; sem guerra – sacode um throno e também a escravatura.*” (Tavares, 1892, p. 29), reforçando a ideia de uma república civilizada voltada ao futuro. Além disso, temos também a fundação do Liceu “Benjamin Constant”, que é um dos símbolos do novo ciclo nacional, em que o povo antes excluído do saber, agora tem sede e acesso ao conhecimento. “*O povo vive sedente, quer de luz um grande mar*” (Tavares, 1892, p. 30).

A seguir temos o poema “**21 de abril de 1892 – Primeiro Centenário do Assassinato de Tiradentes**” que foi escrito por ocasião do centenário da execução de Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes. Tavares faz em seu texto uma relação entre Tiradentes e Jesus Cristo, elevando Tiradentes a um ícone da liberdade, cuja morte seria um marco da luta da emancipação nacional, como é possível ver no texto a seguir: “*O grande martyr da Patria, sereno como Jesuz, contempla na força um throno, como ao Christo fora a cruz*” (Tavares, 1892, p. 32).

Na literatura de Tavares é possível ver impactos em suas palavras, principalmente quando ele fala da liberdade entrelaçada a morte de Tiradentes, a intenção do autor é despertar o povo do sono da servidão, e a decapitação acaba se transformando no símbolo do renascimento político, o texto enfatiza: “*E a cabeça gloriosa do martyr da Liberdade, cahindo, a queda é tão grande, que acorda a posteridade*” (Tavares, 1892, p. 33). Tavares, no decorrer

do poema, faz acusações à monarquia, denunciando não só a execução de Tiradentes, mas também expondo a cultura de repreensão que ela representava. No decorrer do poema, podemos perceber referência à celebração que foi feita após a morte de Tiradentes, em que Tavares retrata esse episódio como uma total falta de respeito ao povo, vejamos a seguir: *“E dizem que n’esse dia da mais amara tristeza, aos corações patriotas faz vil acinte a realeza”* (Tavares, 1892, p. 33). Nesse poema, Juvenal Tavares cria uma linguagem crítica e inflamada, expõe a monarquia como opressora e sem moral, onde Tiradentes é apresentado como um mártir sagrado, e a República é a realização da justiça.

É interessante perceber como os poemas de Juvenal Tavares retratam os acontecimentos de forma tão poética e chamativa, em que todos os poemas têm uma linguagem fácil de compreensão, justamente para o público da época, o autor não queria que só a elite tivesse acesso a suas obras, pelo contrário, ele queria ganhar o povo, tendo a sua literatura como um elo de comunicação entre autor e leitor.

O poema **“Véspera da Chegada”**, diferentes dos anteriores, não tem a intenção de homenagear nenhum herói da república, pelo contrário, ele é uma crítica à visita de Conde d’Eu, genro de D. Pedro II, à região Amazônica, provavelmente antes da Proclamação da República, quando ainda se instalava a monarquia no Brasil. No poema, o autor denuncia o dinheiro que foi gasto para agradar o Conde d’Eu, em tempos de crise que o Brasil estava passando. *“Dizem que a crise é demnada e ao commercio dá trampescos; mas dez contos se arranjam para os gastos principescos”* (Tavares, 1892, p. 41). É notório no texto a crítica de Tavares referente ao dinheiro público utilizado para os interesses privados da monarquia. Desse modo, o literato não tem a intenção de exaltar, mas expor todo o exagero que a monarquia fazia com o dinheiro público, ironizando também os comerciantes, autoridades locais e o povo que se envolvia na festa, como podemos ver no verso a seguir: *“O restaurante Coelho é que vae metter-se em bôa: só por dia – trinta almoços; não é nada, é cousa á tóa”* (Tavares, 1892, p. 41). O texto tem a clara intenção de mostrar o contraste da realidade econômica da monarquia e da população.

Juvenal Tavares, continua sua crítica ao Império, agora com o poema **“A chegada”**, utilizando o sarcasmo, ridicularizando as cerimônias públicas feitas para recepcionar figuras importantes, falando principalmente dos preparativos improvisados e bajulações local. Tavares escreve: *“Nas paredes do palácio já passou-se o espanado; cahiram tantas aranhasem ... Deus nos acuda! um horror!”* (Tavares, 1892, p. 44). Aqui se destaca o improviso e abandono do local, que agora passa por uma limpeza superficial, a decadência do cenário político. Tavares aprofunda ainda mais a ironia e diz: *“Não passaram pelas portas de tinta uma pincelada; nem de cal uma só mão n’aquella velha fachada!”* (Tavares, 1892, p. 44). Nesses versos podemos

perceber a ausência de reformas reais e o autor retrata a ideia de que as mudanças são de fachadas, ou seja, eles não são verdadeiros, e que práticas continuam sempre beneficiando aqueles que estão no poder. O poema termina com a mesma expectativa inicial: *“Isto é coisa muito estranha; vou para a praia espiar; cidadãos, é hoje, é hoje que o homem tem de chegar”* (Tavares, 1892, p. 45). Nessa parte do poema, percebe-se uma descrença do autor diante da chegada “triumfal” de alguém que provavelmente pouco mudará a realidade do povo.

O poema **“Prega uma peça o Alagoas”** é mais um exemplo de um texto literário que utiliza o humo ácido e forte ironia para relatar acontecimentos da época, dessa vez, narrando a chegada de Conde d’Eu, ou de algum outro nobre estrangeiro, expondo justamente a bajulação e improvisado retratado no poema anterior. Tavares, inicia o poema com o seu tom irônico, que faz parte de sua identidade artística, como podemos observar: *“O patife de Alagoas o programma esbandalhou, quando menos se esperava, em nosso porto ancorou”* (Tavares, 1892, p. 46). Nesse trecho podemos ver que Juvenal Tavares deixa clara que alguém chegou de forma inesperada, causando assim um tumulto. Quando o autor usa a palavra “patife” já estabelece o tom de sarcasmo que usa em suas obras.

No verso a seguir Tavares diz: *“O laureado Tito Franco orador bem conhecido, saltando no Alagoas botou discurso comprido”* (Tavares, 1892, p. 46). Tavares crítica os discursos longos que foram feitos, mais que não tinham nenhum sentido, eram vazios. No decorrer de todo o poema o autor deixa claro a bajulação forçada, a confusão e falta de preparo, além disso ele fala mais uma vez do luxo da monarquia enquanto o povo perece na miséria.

No poema a seguir intitulado **“Conselho ao Conde”** conta com uma gama de conselhos direcionados ao conde, usando o seu tom de sarcasmo, Tavares introduz críticas à elite bajuladora. No primeiro verso, o autor usar a palavra “chalaça” que na tradução quer dizer piada, zombaria, para aconselhar o conde, assim já pode-se perceber o tom irônico do autor, o verso diz: *“Conde, agora ouça um conselho que aqui não vem por chalaça: se quer volta com saúde, beba ao almoço...ca...xa...ça.”* (Tavares, 1892, p. 50), além disso, o autor faz uma zombaria ao gosto refinado do conde. Juvenal Tavares, através de seus “conselhos” faz diversas críticas à bajulação em troca de favores, onde populares e autoridades negociam vantagens pessoais em vez de buscar o bem de interesse de todos. Ele também expõe a realidade local, onde há descaso com a saúde, precariedade sanitária, entre outros problemas da época.

Com o poema **“Finis”** Tavares encerra a série de poemas de sua obra Musa Republicana, antes de iniciar as notas de prosas. Ao usar a palavra Finis, o autor está manifestando o encerramento de sua narrativa poética sobre o Conde. O autor inicia *“Leituras, caros leitores, a Musa já stá cansada, e o nosso Conde querido foi ver de Bragança a estrada”* (Tavares,

1892, p. 53). Aqui podemos notar o tom irônico do autor ao falar que a musa já está cansada, além disso, ele faz referência à família da qual Dom Pedro II pertence. Quando ele menciona a estrada de Bragança é uma forma sutil de dizer que ele está voltando ao seu lugar, fora do Brasil. O cansaço da Musa também pode ser interpretado como o encerramento de uma etapa de luta, onde o autor descreveu todas as lutas para alcançar a República e finalmente colocar um fim no império da monarquia.

No segundo momento da obra *Musa Republicana*, Juvenal Tavares inicia as “Notas de Prosas” onde são textos mais extensos e permitem ao autor desenvolver mais as ideias de forma direta e detalhada, tratando dos mesmos temas de forma mais reflexiva e direta. O primeiro texto que temos é o “**Pródromo de Propaganda – Árvore de Sangue**”, nesse texto Juvenal Tavares trata do papel da imprensa na construção de um estado republicano, ele apresenta um panorama da luta republicana no Pará. O autor já inicia, o texto dizendo: “*A idéia republicana, no Pará, não somente não era idéia desconhecida, mas, ao contrário, contava grande número de fervorosos adeptos e era muito sympathica geralmente*” (Tavares, 1892, p. 57). Nesse trecho podemos perceber a afirmação do autor ao dizer que a República no Pará não foi ao importado ou menos imposto, pelo contrário, era algo muito vivenciado por algumas partes da sociedade e inclusive era sustentado por muitos, inclusive por jornais como *Tiradentes* (1870), *República* (1886), entre outros simpatizantes, mesmo com pouca duração esses jornais ajudaram a espalhar os pensamentos republicanos.

O autor também faz críticas ao momento político da época, principalmente com perigo do terceiro reinado, “*quando, porém, preparava-se a Nação para receber o terceiro reinado, de todo o ponto antepathico e repugnante; [...]*” (Tavares, 1892, p. 58). Nesse contexto, Tavares (1892) faz menção ao jornal *Diário de Notícias*, de João Campbell que contava com apoiadores como Just Chermont, Lauro Sondré e Manuel Barata, teve a tarefa de propagar a república com clareza e firmeza. Ao final, o próprio Tavares afirma ter lançado o *Árvore de Sangue*, no Natal de 1888, ressaltando que o texto “*foi recebido com entusiasmo e lido com sensação*” (Tavares, 1892, p. 59). Desse modo, o texto evidencia como jornalistas e intelectuais fortaleceram e propagaram a ideia da República para povo.

O texto “**Árvore de Sangue**” é carregado de muitos significados, entre eles a luta republicana comparada ao evangelho cristão. O autor utiliza a figura de uma árvore para simbolizar que o crescimento só é possível através de sacrifícios. Desde o início, o autor faz uso de uma metáfora central “*frondosa e amena é a arvore da Liberdade*” (Tavares, 1892, p. 60). Tavares reforça em texto que a arvore da liberdade é capaz de oferecer felicidade, principalmente para quem se abriga embaixo dela, no entanto ele reforça que para tal felicidade

são necessários muitos sacrifícios, o que envolve violência e sofrimento (Tavares, 1892, p. 58). Ele ainda afirma que não possível chegar nessa arvore plantado flores, pelo contrário ele reforça: *“Chega-se a ella por atalhos escabrosos, estreitos, intgremes e crivados de espinhos”* (Tavares, 1892, p. 60).

O autor, faz uma comparação da luta republicana com a luta do evangelho cristão, desse modo, Tavares faz uma associação entre o caminho da liberdade, ou seja, a Proclamação da República ao caminho que muitos cristões seguem para a salvação, o autor diz: *“o evangelho, que outra cousa não é mais do que a boa nova da felicidade para homens de boa vontade sobre a terra[...] porque Jesus via realmente uma vida futura cheia de gozos e de paz, repleta de felicidades”* (Tavares, 1892, p. 62), em que o autor, lembra em seu texto que Cristo é o próprio caminho. A comparação aproxima o republicanismo de uma verdade religião civil, em busca de liberdade, condições de vida dignas e saúde e assim, a queda da monarquia. O texto, ainda reforça personagens importantes para a construção da República como Tiradentes. Além disso, o autor reforça que a *“árvore de sangue”* é um símbolo muito importante da República nascente, cujo as raízes estão consolidadas pelos sacrifícios de muitos heróis republicanos que deram suas vidas pela liberdade do povo.

O livro, **“Vinte dias de dictadura”**, foi um texto escrito para comemorar o terceiro aniversário da Proclamação da República, além de ser uma lembrança da vitória ocorrida em 23 de novembro de 1892, contra a ditadura instaurada. O autor faz referência a textos reunidos que foram publicados no jornal O Pará, assim é uma compilação dos registros dos momentos de crise daquela época, o autor ressalta que *“esse periódico, escripto exclusivamente por mim, não posso dizer que veiu à luz, mas digo que apareceu duramente as trevas e o pânico d’essas vinte dias cruel consternação para o povo brasileiro”* (Tavares, 1892, p. 65). Dessa forma, podemos perceber que as publicações são claramente escritas que assumem caráter de resistência, se opondo ao medo e ao silêncio que muitos eram obrigados a fazer. O desaparecimento do jornal, O Pará não foi por falência ou algum problema relacionado, o autor deixa claro no texto que o que *“desapareceu porque morreu a ditadura, dando por terminada sua missão”* (Tavares, 1892, p. 65), ou seja, o jornal foi uma arma de resistência, onde sua missão de repassar era repassar o que estava acontecendo naquele terrível momento de ditadura.

No texto **“Pré Pátria...”** foi escrito no momento de instabilidade política e social no Brasil. O autor articula o texto no sentido de denúncia e desabafo. No início do texto fica claro que a intenção não é fazer do periódico um protagonista, conforme Tavares escreve *“ele não vem, entretanto, que como a estrella polar, mostrar o rumo por onde deve orientar-se o nauta desnortado.”* (Tavares, 1892, p. 67) pelo contrário o texto assume o papel de ecoar a revolta

que o povo está sentido sobre a situação. Desse modo, o autor diz: “*o despotismo mais audaz, enfronhando-se no manto da República e invocando o nome sacrossanto da liberdade, segue o collo em plena América*” (Tavares, 1892, p. 68) nesse trecho é notório que o periódico se torna uma de resistência, ele não oferece soluções definitivas, mais dá voz ao clamor do povo. O autor, também faz afirmação sobre a identidade regional, “*lembramo-nos de que antes de sermos brasileiros, somos Paraense.*” Tavares retrata nesse trecho sobre a lealdade ao Pará deve ser maior que a lealdade ao Brasil (Tavares, 1892, p. 68) Em resumo, pode-se dizer que o “Pre Pátria” é uma manifestação, onde a dor coletiva se converte em denúncia e reafirmação regional.

O texto “**Pátria Paraense**”, é um discurso marcado pela exaltação patriótica e pela valorização da República no Pará. Desde início, autor apresenta a ideia de Pátria Querida, “*diante da imagem da Patria querida, que, este momento precário, se levanta nos nossos olhos grandiosos em sua amarga desolação [...]*” (Tavares, 1892, p. 69). Apesar das divisões e dissensões passadas, agora é necessário reunir todos os cidadãos em só partido, deixando de lado os ressentimentos, os despeitos e as diferenças, o autor ainda complementa que: “*Hoje, o nosso amor por ella deve ser tão ardente como o sol do Equador que nós aquece, tão impetuoso como as correntes do grande Rio, em cujas ondas soberbas nós contemplamos a nossa independência sem limites*” (Tavares, 1892, p. 69-70). O autor usa símbolos naturais que traduzem a força e a intensidade do sentido republicano.

O texto, “**15 de Novembro 1889 – Viva a República! / 1891 – Pobre República!**”, apresenta uma crítica sobre os primeiros anos da República no Brasil, em especial a entre os anos de 1889 e 1891, o texto revela o contraste entre o entusiasmo e frustração com os desdobramentos que a República estava enfrentando. A importância da data é reconhecida no texto, “*a data de hoje, com certeza a mais gloriosa de nossa história, devemos festejar ou cobri-lo de crepe?*” (Tavares, 1892, p. 71). Nesse trecho podemos ver que o 15 de Novembro é simultaneamente motivo de orgulho e luta.

O texto também nos revelar que o quadro presente é de trevas e silêncio, onde autor diz: “*Nada se vê – Tudo está escuro. Silêncio de morte, ou precursor da morte*” (Tavares, 1892, p. 72). Nessa frase percebemos a incerteza sobre o futuro, além de trazer a ideia de ruptura da comunicação. A crítica está voltada para os acontecimentos no Rio de Janeiro, pois “*O que é certo, o que não padece dúvida, é que no Rio de Janeiro há grande desgraça. Há a fome e a miséria.*” (Tavares, 1892, p. 72). Aqui o autor retrata o cenário terrível que a cidade estava passando, pois vivia entre o terror da ditadura e de epidemias, ou seja, estavam vivendo tanto a repreensão política devido a ditadura, quanto impactos de doenças. Além disso, autor faz

diversas outras denúncias e sobre esse momento caótico. E apesar de todos os problemas, a Proclamação da República continua sendo um momento a ser comemorado, pois agora estamos livre da monarquia, assim o autor afirmar que, “*entretanto, o dia 15 de novembro ainda continuará a ser muito querida [...]*” (Tavares, 1892, p. 73) Desse modo, o autor conclui “*Viva o glorioso dia 15 de novembro de 1889!*” (Tavares, 1892, p. 73)

O texto, “**Depois da República o que virá...**”, apresenta uma crítica direta aos primeiros anos da República no Brasil, revelando o sentimento de frustração diante das promessas não cumpridas do novo regime. O povo brasileiro é retratado como “[...] *qual burro cansado de albandas e esporas, vive descrente de tudo e de todos*” (Tavares, 1892, p. 74), vivendo em indiferença, sem fé nos dirigentes e sem comoção diante dos acontecimentos. Nesse trecho, percebemos a denúncia do estado de apatia e descrença da população, que já não acreditava nas lideranças políticas. A crítica se sustenta na ideia de que a República, em vez de trazer liberdade e justiça, tornou-se “um fardo insuportável”, resultado da condução feita por eles que haviam “estragado a monarquia”.

O texto também revela um balanço histórico que explica esse desencanto: “*três séculos do mais ignominioso cativo colonial; meio século de uma independência ridícula e vergonhosa; dois anos de república mascarada, mentirosa e bajuladora*” (Tavares, 1892, p.74). Nesse trecho fica evidente que a República não conseguiu superar os vícios do passado e, ao contrário, deu continuidade às práticas de exploração e desilusão política. Por isso, o autor questiona: “*O que virá depois da República?*” (Tavares, 1892, p. 72), e responde que a única possibilidade seria “a anarquia”. Ao final, porém, faz um apelo em tom patriótico, ao dizer que, “*pois, bem; antes de cairmos no abismo, salvemos o Pará*” (Tavares, 1892, p. 72), reforçando a urgência de proteger o país diante da crise política e social que ameaçava sua estabilidade.

O texto, “**A Única Posição**”, apresenta uma defesa da postura política do governador Lauro Sodré frente aos acontecimentos de 1891, sobretudo diante do decreto de dissolução do Congresso Nacional por Floriano Peixoto. O governador Lauro Sodré é caracterizado como “*político de princípios, com os quaes não transige facilmente. Democrata convicto, republicano convicto*” (Tavares, 1892, p. 75), revelando a imagem de um líder coerente e íntegro. Sua trajetória também é lembrada, quando “[...] *recusou ao aceitar semelhante cargo, allegando a sua gravidade*” (Tavares, 1892, p. 76). Nesse sentido, o texto reforça que sua administração buscava a “[...] *realização completa das ideas republicanas, sob a democracia mais pura*” (Tavares, 1892, p.76), organizando o Estado do Pará em conformidade com a Constituição da União.

O contraste se estabelece quando o autor denuncia que “[...] o Presidente da República, julgando-se superior a essa lei fundamental, golpeia a Constituição” (Tavares, 1892, p. 76), apresentando Floriano como autor de um ato arbitrário e despótico. Diante disso, Sodré é exaltado como guardião da legalidade, pois “[...] formulou protestos sem reticências, considerando esse atentado revolucionário e despótico” (Tavares, 1892, p. 76). A dissolução é considerada “[...] nullo e de nenhum efeito, por ser emanado de poder incompetente” (Tavares, 1892, p. 76), e a resistência surge como a única atitude coerente com seus princípios: “a resistencia será a sua unica posição consentanea com seus principios, parece-nôs” (Tavares, 1892, p. 76). Dessa forma, o texto constrói a imagem de Lauro Sodré como republicano fiel, defensor da Constituição e opositor firme de qualquer forma de arbítrio.

O texto, “**A queda do monstro**”, apresenta a celebração da derrubada da ditadura, marcada pelo tom de alívio e exaltação. Logo no início, o autor afirma: “Quando echoou a auspiciosa noticia da queda da dictadura, recebemol-a assim”, (Tavares, 1892, p. 77) revelando que o acontecimento foi recebido como um triunfo, uma vitória contra a opressão política. O tom festivo se intensifica quando o autor simboliza a união nacional, dizendo: “Os extremos tocaram-se. As auras perfumadas de baunilha e marity abraçaram-se com as rijas ventanias dos pampas” (Tavares, 1892, p. 77), uma metáfora que coloca Norte e Sul em sintonia, reforçando a ideia de que a liberdade foi conquistada por todo o país, sem divisões regionais.

O texto também exalta os personagens simbólicos dessa vitória: “Viva o Cidadão de Arco e Flexa! Viva o intrepido gaúcho” (Tavares, 1892, p. 77). Nessa frase, vemos a valorização tanto do indígena, associado à origem e identidade nacional, quanto do gaúcho, representando bravura e resistência. A crítica ao regime anterior se dá de forma indireta, chamando-o de “monstro” e “dictadura”, destacando a violência e a opressão que foram derrotadas. Assim, o texto funciona como um canto de vitória, exaltando a união popular e regional na luta pela liberdade, ao mesmo tempo em que reforça símbolos nacionais de coragem e identidade.

O texto, “**Viva o Estado do Pará! Viva o Governador Lauro Sodré! Viva o Povo Paraense!**”, apresenta uma crítica direta ao governo de Deodoro da Fonseca e, ao mesmo tempo, uma exaltação ao papel do Pará na defesa da legalidade republicana. Logo no início, o autor expressa o entusiasmo do momento em frases curtas e interjetivas: “Viva o Estado do Pará! Viva o Governador Lauro Sodré! Viva o Povo Paraense!”, demonstrando a intensidade do sentimento patriótico. O texto também afirma que “tal a precipitação dos acontecimentos e tais são os choques que nos abalam a alma, que não sabemos como escrever estas linhas e nem

o modo de formular as nossas considerações” (Tavares, 1892, p. 78), revelando a surpresa e a emoção diante da crise política.

A crítica volta-se para o *“enquanto todos se ajoelharam servilmente ao acto impensado do Marechal Deodoro”* (Tavares, 1892, p. 78-79), diante do qual, segundo o texto, todos se ajoelharam, com exceção do Pará que, *“por intermédio do seu valente Governador, lavrou em face de todo o país e sob todas as formas, o seu mais enérgico protesto”* (Tavares, 1892, p. 79). Aqui se evidencia a defesa da Constituição e do regime democrático, reforçada quando o autor destaca que *“nenhum cidadão livre, nenhum patriota educado no regime democrático, devia admitir a tamanha ofensa feita à dignidade de um grande povo”* (Tavares, 1892, p. 78). Além disso, a renúncia de Deodoro é relativizada, pois *“não tem os motivos que lhe querem emprestar”* (Tavares, 1892, p. 78), sendo apresentada não como gesto patriótico, mas como resultado da pressão das circunstâncias. Desse modo, o texto celebra a resistência paraense, que *“soube condenar”* a ditadura e manter viva a luta pela legalidade constitucional.

O texto, **“Nota final”**, apresenta uma defesa do próprio autor diante das críticas que poderia receber tanto como poeta quanto como republicano. O autor afirma que, se for julgado apenas pelos versos reunidos no livro, o leitor fará *“um juízo erroneo, como poeta e como politico”* (Tavares, 1892, p. 81). Ele destaca que muitos poemas foram escritos de improviso, *“sobre a perna, conforme a inspiração do momento”* (Tavares, 1892, p. 81), reforçando a ideia de que não devem ser avaliados isoladamente. Além disso, ressalta que sua postura republicana é antiga e coerente, pois *“[...] sempre conservou-se afastado dos poderosos chefes que distribuíam os talheres na mesa do orçamento”* (Tavares, 1892, p. 82), reivindicando para si a legitimidade de sua voz no debate político.

O texto também traz uma crítica aos falsos republicanos, aqueles que *“trata-se aqui d’outra espécie monarchista, d’aqueles que se proclamam os melhores republicanos para melhor ferir a Republica, tolher o nosso progresso e cavar a ruina da Patria”* (Tavares, 1892, p. 84). Ao mesmo tempo, o autor reconhece que não ataca os *“[...] monarchistas sinceros, esses poucos, pouquíssimos, sonhadores de um passado que jamais pode voltar [...]”* (Tavares, 1892, p. 83), mas sim os oportunistas que, segundo ele, podem conduzir o país não de volta ao Império, mas a *“anarchia”* (Tavares, p. 84). Através dessa distinção, o texto reafirma a necessidade de honestidade e compromisso com a República. Por fim, o autor conclui justificando sua obra como parte da memória coletiva, afirmando ter o direito de *“[...] ser-me permitida uma pequena pagina da historia patria, para n’ella collaborar tambem, n’este tempo em que todos querem escrever a historia e quasi todos só contam historias”* (Tavares, 1892, p.

84). Dessa forma, o texto funciona como um manifesto de defesa pessoal, uma denúncia contra a deslealdade política e uma tentativa de deixar registrada sua contribuição à causa republicana.

Nesse sentido, a obra *Musa Republicana* (1982), é um conjunto de poemas que expressa o entusiasmo e as tensões políticas dos primeiros anos da República. De modo geral, Tavares quis repassar em seus versos uma exaltação patriótica, defendendo os ideais republicanos, mas o autor também escreve as críticas sobre as dificuldades enfrentadas no novo regime. Percebe-se na obra o grande envolvimento do autor no momento histórico que ele escreve, onde ele utiliza a poesia para expressar sua opinião. Em seus poemas, aparecem tanto elogios a liberdade que o povo alcançou, quanto denúncias das divisões partidárias, das traições políticas e da frustração diante de promessas não cumpridas. Além disso, o texto possui o português utilizado no final do século XIX, que está marcado por palavras escritas com “ph” e “y”, entre outras, diferente da escrita dos dias de atuais. O autor também utiliza uma linguagem de fácil compreensão tanto para o povo da época quanto para os dias atuais, uma vez que ele usa metáforas para se comunicar em seus versos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta breve análise bibliográfica e documental, observa-se que o autor paraense Juvenal Tavares constitui uma figura literária e política de grande relevância no contexto da Primeira República no Pará. Suas obras, entre as quais se destacam *Versos Antigos e Modernos*, *Musa Republicana*, *Serões da Mãe Preta* e *Ensino Cívico*, refletem o espírito político e social de sua época e revelam um profundo empenho na valorização da cultura, da história e da identidade amazônica.

A análise de parte de sua produção evidencia como Tavares incorporou em suas obras elementos culturais, históricos e sociais da Amazônia, promovendo o resgate e a valorização da identidade regional e incentivando a reflexão crítica sobre questões políticas e sociais. Nesse sentido, a inserção de suas obras no currículo escolar do estado, contribui para a formação cultural e social dos educandos, fortalecendo uma identidade regional que celebra a riqueza cultural e natural da Amazônia, ao mesmo tempo em que estimula a formação de cidadãos conscientes e responsáveis. Assim, o legado de Juvenal Tavares na educação e na cultura da Primeira República Paraense mantém-se atual, tornando-se cada vez mais relevante para a formação das novas gerações.

Ressalta-se que este Trabalho de Curso foi fundamental para mostrar a importância da atuação e da produção jornalística de Juvenal Tavares. Contudo, trata-se de um objeto

complexo, assim, não foi possível aprofundar todas as dimensões da obra. Para avançar, impõem-se novos estudos, com uma análise mais detalhada de cada obra e de seus trechos, bem como da contribuição específica de cada uma para a cultura, a educação e o debate político no Pará.

Sobretudo, destaca-se a obra *Musa Republicana*, na qual houve maior aprofundamento neste trabalho. Foi possível identificar ali a linguagem utilizada por Juvenal Tavares na época, marcada por expressões próprias do final do século XIX, assim como os ideais políticos que ele defendia e procurava difundir. A obra é rica em informações e em reflexões sobre os primeiros anos da República, funcionando como um registro das expectativas e inquietações de sua geração. Entretanto, nota-se também que, ao mesmo tempo em que exalta os ideais republicanos, a obra não deixa de refletir as contradições e os limites do período, já que muitas das promessas de liberdade, igualdade e progresso não se concretizaram para grande parte da população. Essa tensão torna a *Musa Republicana* não apenas uma produção literária de celebração política, mas também uma fonte crítica para compreender as ambiguidades da Primeira República no Pará e no Brasil.

Nesse ponto, é importante destacar e observar que, em a *Musa Republicana*, Juvenal Tavares utiliza a figura feminina como representante da República, ou seja, a Musa é descrita como altiva, maternal e inspiradora. No entanto, ao longo da obra, as homenagens e exaltações recaem exclusivamente sobre personagens masculinos, que são os políticos, militares e intelectuais, nesse sentido, percebe-se uma contradição simbólica uma vez que a mulher surge como representação idealizada, mas não como sujeito histórico ativo. Essa escolha reflete tanto a estética da época, que associava o feminino à pátria e à liberdade, quanto as limitações de uma sociedade que, mesmo celebrando novas ideias Republicanos, continuava a restringir o espaço das mulheres na vida política e social.

A análise dessas obras mostra-se ainda mais relevante porque Juvenal Tavares foi um pensador que produziu textos voltados a valorização da cultura e da identidade amazônica, com o olhar direcionado para a formação das futuras gerações da região. Dessa forma, foi de suma importância estudar esse autor e sua produção literária, pois esse exercício possibilitou compreender como maior profundidade o período da Primeira República Paraense e os debates culturais, sociais e políticos aquele contexto histórico.

REFERÊNCIAS

Biblioteca Pública Arthur Vianna, **Luiz Demétrio Juvenal Tavares, 1850 – 1907**. Disponível em: [Luiz Demétrio Juvenal Tavares, 1850 – 1907 – Obras Raras Acervo Digital](#) Acesso em 09 de fevereiro de 2025.

Cardoso Júnior, Leonei Maciel. **Descrição do livro de leitura ensino cívico (1898), de Juvenal Tavares**— 2022. 09 f. : il. color. Orientador(a): Profª. Dra. Raimunda Dias Duarte Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2022.

Coelho, Geraldo Mártires. **No coração do povo: o monumento à república em Belém 1891-1897**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

Demo, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6ª ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2003.

Duarte, Raimunda Dias. **Livros escolares de Leitura da Amazônia: produção, edição, autoria e discursos sobre educação de meninos, civilidade e moral cristã**. Campinas: Pontes, 2018.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Marconi, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Gerhardt, Tatiana Engel; Silveira, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

AZEVEDO. J. Eustáquio de. **Antologia Amazônica: poetas paraenses**. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970. Disponível em: